

CREENÇAS E ENSINO DE LÍNGUAS – UMA ENTREVISTA COM ANA MARIA FERREIRA BARCELOS

Leandra Ines Segnafredo Santos

Apresentação da entrevistada: quem é Ana Maria Ferreira Barcelos?



Atualmente, Barcelos é professora Associada I na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Possui graduação em Letras Português/Inglês pela UFV (1989), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1995), doutorado em Teaching English As a Second Language - The University Of Alabama (2000) e pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade de Carleton, Ottawa, Canada (2009). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em crenças sobre aprendizagem e ensino de línguas estrangeiras.

A professora atua principalmente nos seguintes temas: crenças sobre aprendizagem de línguas estrangeiras, formação de professores, crenças de alunos sobre aprendizagem de inglês, ensino e aprendizagem de inglês e ensino de língua inglesa. É organizadora juntamente com Paula Kalaja do livro *Beliefs about SLA: New research approaches*, da editora Kluwer/Springer, 2003; com Paula Kalaja e Vera Menezes do livro: *Narratives of learning and teaching EFL*, 2008, e com Maria Helena Vieira Abrahão do livro: *Crenças e ensino e aprendizagem de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*, 2006, além de várias publicações em periódicos da área.

Norte@mentos¹: Nota-se em seu trabalho uma preocupação com a formação de professores de Língua Estrangeira: quais as conquistas e desafios?

Barcelos: Acredito que as conquistas não são desprezíveis. Acho que a primeira é que o tema formação de professores é um tema consolidado de pesquisa e temos inúmeros trabalhos a esse respeito no exterior e no Brasil. Como consequência disso, temos mais pesquisadores e professores se especializando nessa área e isso tem uma repercussão na qualidade dos cursos de formação inicial e na formação continuada com os vários projetos sendo feitos pelo Brasil afora. Sem falar nas muitas publicações nessa área, que também contribuem para o conhecimento e desenvolvimento das questões da formação de professores. Finalmente, nota-se, mais recentemente, por parte do Governo Federal, um maior investimento e um olhar mais direcionado para os cursos de formação de professores, com editais que contemplam cursos de licenciatura, como o PIBID, por exemplo. Tendo dito isso, os desafios são vários também. Alguns deles referem-se a formar professores para o contexto de escolas regulares. Devido as condições difíceis desses contextos, muitos alunos de licenciatura, como acontece no meu contexto, não querem ser professores nas escolas. Eles fazem Letras, mas ao final, ou vão dar aulas em cursos livres, ou vão para outra área. Penso que precisaríamos de um esforço conjunto para uma pesquisa nacional a respeito do número de egressos de nossos cursos que atuam nesses contextos. Acredito que esse é um desafio mais amplo, pois refere-se a uma estrutura sócio histórica de descaso para com a educação pública e principalmente com o ensino de inglês nesses contextos. Não adianta termos projetos que incentivem o licenciado a conhecer e interagir nesse contexto, se as condições de trabalho e o salário, não são atraentes. Dentro dessa mesma linha, acho que os projetos de educação continuada fazem muito e contam com enorme motivação dos professores. Mas precisamos de apoio das escolas, das prefeituras e dos estados. A verdade é que o professor não encontra apoio no seu contexto profissional, com raras exceções, para que ele invista em sua formação continuada e isso é um desafio muito grande a vencer e exige esforço conjunto e luta política.

¹ Entrevista realizada em outubro de 2009. (UNEMAT/SINOP)

Norte@mentos: Em relação ao seu trabalho com crenças, em sua opinião, faz sentido a crença popular ou o discurso de que *não se aprende inglês na escola pública?*

Barcelos: Não, não faz sentido, porque essa crença só serve para reforçar as práticas sociais derivadas dessa mesma crença. Essa crença é perniciosa e preconceituosa, pois define “a priori” e de antemão, quem tem o direito de aprender uma língua estrangeira no país. Uma das características das crenças é que elas são tácitas. E essa crença está tão arraigada na sociedade brasileira que todos a aceitam como verdade inquestionável e veem-se muito poucas ações para se mudá-la. Além disso, essa crença, a meu ver, atinge diretamente a motivação dos alunos e professores para ensinar e aprender inglês em escolas regulares, mina tentativas de inovação e afeta as emoções, autoimagem e autoestima de professores e alunos de inglês nesse contexto. Dessa forma, penso que devemos, sem deixar de reconhecer os problemas e dificuldades nesse contexto, nos contrapor a essa crença, procurando estar presentes, desenvolvendo projetos com os professores e a alunos nas escolas e lutando por condições mais dignas de trabalho.

Norte@mentos: Tendo em vista seu esforço em construir um *estado de arte* ou síntese das pesquisas em torno de crenças e divulgando-as, pode-se dizer que já existe uma comunidade científica no Brasil trabalhando em conjunto, compartilhando, trocando e construindo conhecimentos dentro dessa área?

Barcelos: De certa forma sim. Temos um livro que foi organizado por mim e pela professora Maria Helena Vieira-Abrahão; em vários congressos pode-se ver sempre um ou mais simpósios sobre o assunto e recebo vários e-mails de pesquisadores de várias partes do Brasil com perguntas e pedidos de bibliografia sobre esse tópico. Existe também um grupo de pesquisa que coordeno, cadastrado no CNPq – o CEALI, que congrega pesquisadores e estudantes do Brasil que trabalham com crenças. Entretanto, creio que ainda precisamos ter ações mais concatenadas e disponibilizar maiores informações sobre o assunto, bem como bibliografia. Muito do que se faz em crenças, vem dos trabalhos dos programas de pós-graduação e nem sempre temos acesso a todos, embora isso esteja bem mais fácil ultimamente devido à internet. Alguns se encontram disponíveis em bancos de teses das universidades. Dessa forma, faria sentido ter um banco de dados sobre a pesquisa de crenças e esse é um projeto que venho tentando

implementar. Acredito que o acesso aos trabalhos já feitos pode contribuir para maior debate e consequente avanço da área.

Norte@mentos: Quais as suas sugestões para aqueles que queiram estudar crenças? Que contextos e áreas de conhecimentos carecem de investigação?

Barcelos: Como sugiro no meu texto de 2007, existem poucas pesquisas de crenças em contextos particulares de ensino de línguas (tanto em universidades, escolas ou cursos de línguas). A maioria das pesquisas é realizada no contexto público, o que é um bom indício. Entretanto, acredito que precisamos de pesquisas nesses outros contextos para comparar os resultados. Além disso, temos também muitas pesquisas feitas com professores (a maioria em serviço) e isso é bom e deve continuar. Mas penso também que temos poucas pesquisas com alunos – de escolas públicas, de outras línguas, de outras áreas de conhecimento e de diferentes idades. A pesquisa a respeito de crenças no ensino de LEC (Língua Estrangeira para Crianças), também agora começa a tomar corpo com o surgimento de vários estudos a esse respeito. Acredito ser importante termos informação sobre as crenças desses alunos a fim de nortear o ensino. Por fim, acredito também que precisamos ir além da simples descrição das crenças para investigá-las como construídas em contexto. Isso significa investigar sua função e relação com aprendizagem, ensino e ações dos participantes em um determinado contexto.